

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O segundo sol na História: a prática historiográfica e a prática científica
sob o signo do acontecimento

Elson de Assis Rabelo*

RESUMO: Este trabalho pretende discutir a noção de acontecimento em sua possibilidade de articulação da História com as demais Ciências Humanas e, especialmente, com as Ciências Naturais, suscitando uma nova relação de aliança sem determinismos entre os saberes. Após a desvalorização do acontecimento pelos Annales, e considerando-se como foi ressignificado por Foucault e Deleuze e retomado contemporaneamente por um pensamento que re-concilia natureza, sociedade e discurso em diferentes campos científicos, o acontecimento tem sido destacado enquanto ponto de partida para as produções de sentido, para a elaboração do conhecimento e para a cristalização da memória. A “acontecimentalização” da História permite aos historiadores perceber os eventos como atualização das estruturas sociais e culturais, e igualmente integrar as diversas camadas de temporalidades – incluindo as temporalidades da natureza e da cultura, psicológicas e cosmológicas, tal como fazem as artes e a literatura.

Palavras-chave: História, ciência, acontecimento.

RESUMÉ: Ce travail prévoit pour discuter la notion de l'événement et sa possibilité de concilier l'histoire avec les sciences sociales et, en particulier, avec les sciences naturelles, excitant une nouvelle relation d'alliance sans déterminisme entre les savoirs. Après la dépréciation de l'événement pour l'Annales, et son rétablissement par Foucault et Deleuze et par une pensée qui réconcilie la nature, la société et le discours dans différents domaines scientifiques, l'événement a été détaché tandis que point de départ pour les productions de sens, l'élaboration de la connaissance et la cristallisation de la mémoire. La “événementialisation” de l'histoire permet aux historiens de percevoir les événements comme actualisation des structures sociales et culturelles, et d'intégrer également les couches diverses de temporalités – comprenant les temporalités de la nature et de la culture, psychologique et cosmologique, car elles font les arts et la littérature.

Mots-clefs: Histoire, sciences, événement.

*Eu fui lá fora e vi dois sóis no dia
e a vida que ardia
sem explicação.*

Nando Reis, O segundo sol.

Durante grande parte do século XX, os historiadores conjuraram de sua prática e de sua investigação aquilo que seria próprio de seu ofício: o acontecimento. Em seu esforço

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista da CAPES.

de se destacar da história *evenementielle* do positivismo ou da Escola metódica francesa, os Annales mergulharam na explicação esquemática da sociologia funcional durkheimiana, do estruturalismo levi-straussiano, da longa duração braudeliana, ou da densidade vaga da psico-história e da história das mentalidades. Por sua vez, o marxismo, ao pensar a história, mostrou-se igualmente um historicismo no qual todo acontecimento, mesmo como ruptura, fazia parte de um processo com um final previamente conhecido (DOSSE, 1992; NIETZSCHE, 2005).

A desvalorização do acontecimento – que seria mera espuma das ondas do mar a se desmanchar rapidamente na praia, lembrando a imagem de Braudel –, a busca de sua dissolução nas grades explicativas macro ou no movimento contínuo da história, em que pudesse caber toda diferença, em que toda dessemelhança e singularidade retornasse à sua coerência, não conseguiu, no entanto, “dar conta” do acontecimento, domesticá-lo para a nossa razão, apaziguá-lo para a nossa tranquilidade.

Fazendo eco à proposta de Foucault de acontecimentalizar a história, propomos pensar o acontecimento contra toda redução, contra toda volta ao jogo consolador das causas e das origens, fazendo ressoar o que há de mais intempestivo, perturbador e incômodo no acontecimento, potencializar sua faculdade de conciliação entre natureza, sociedade e discurso, sua força criadora do novo e da vida, de atualização das estruturas e de mudança dessas estruturas ao nível molecular, de realinhamento das órbitas dos planetas (FOUCAULT, 2003).

O acontecimento na história seria esse segundo sol da música de Nando Reis, um elemento fantástico surgindo num dia qualquer, e que por mais que nos esforcemos para prever, nossos discursos jamais poderão evitar o acaso da sua aparição nem determinar o modo da sua irrupção:

*Quando o segundo sol chegar para realinhar as órbitas dos planetas
Revirando com um assombro exemplar
O que os astrônomos diziam se tratar de um outro cometa.*(REIS, 2002).

Foucault havia convidado os historiadores a criar novos recortes, pondo em dúvida os marcos legitimados e não-questionados, esquivando-se da necessidade que vincula apressadamente o acontecimento ao contexto, à influência, à estrutura. Isto significa o trabalho heurístico de destacar o acontecimento, de escolher, dentre as fontes, aquilo que se chamará de “começo”, em meio à nuvem virtual de onde emergem os acontecimentos e não na serena “origem” da qual as coisas adviriam para evoluir progressivamente (FOUCAULT,

1979; PELBART, 2000). Dispensando a continuidade e a evidência, partindo de cortes na temporalidade, de uma idéia de tempo descontínuo, o que se afirma é o caráter acontecimental dos enunciados e das práticas, do discursivo e do não-discursivo, de modo que nenhum enquadramento prévio pode dar-lhes uma explicação plena, nem esgotar os sentidos (FOUCAULT, 2003).

Jacques Rancière discutiu a dificuldade dos historiadores em lidar com a figura do herege: singular, diabólico, indomável, seria aquele para o qual a própria sociedade no passado e os historiadores no presente lutariam para dar um nome, sobre o qual jogariam sua força simbolizadora, a fim de lhe fazer retornar à dobra do social, ao “dentro”, na expressão de Deleuze (RANCIÈRE, 1994). Em sua teimosia na contestação, o herege obstinaria até o fim, restando à sociedade calá-lo pela morte e ao historiador calá-lo pela sua inserção na regularidade, no contexto, tal como fez Carlo Ginzburg com Menocchio, o que é outra forma de matá-lo.

Diferente do “sim-bólico”, da síntese, do todo, da visão de conjunto estável e global a que estamos acostumados, o acontecimento, como o herege, seria o “dia-bólico”, um dissídio, um desvio. O acontecimento aponta para a fissura, para a fragmentação, para a mistura dos corpos e para sua não-separação por identidades que dêem uma visão coerente ao poder.

Na atualidade, a noção de acontecimento também é considerada como um dos pontos de diálogo possível entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas, a partir do reconhecimento comum da historicidade na constituição do saber. As chamadas ciências “duras” também admitem suas relações sociais e políticas, bem como reconhecem a presença da flecha do tempo na natureza e na produção do conhecimento, seu caráter mutável e incerto e não mais sua exatidão impassível, a própria emergência do acontecimento borra as separações entre os saberes e as instâncias de nossa experiência (LATOUR, 1994).

Certamente que numa manhã ensolarada, com aquele astro no céu já conhecido e dominado por nossas certezas, um segundo sol não-previsto perturbaria o cosmos e a ciência, e, diferente da luz racional iluminista, traria dúvida, confusão, temor e “sombra”, acentuaria o caráter caótico da natureza, ao mesmo tempo em que instauraria novas possibilidades de vida, fazendo-a arder sem explicação. O acontecimento inaugura, pois, uma nova aurora, um tempo de incerteza com instantes de perigo em que os contratempos fortuitos podem irromper, em que novos sóis podem se insurgir, provocando a coalescência tensa e disjuntiva de múltiplas temporalidades, das variáveis naturais e das injunções sociais, das forças em diagrama e das

palavras em dispersão, numa maranha sem determinação “de cima” ou “de baixo”, das infra-estruturas, da essência, do progresso, ou da luta de classes.

Ao acontecimentalizar a história das ciências modernas, Isabelle Stengers situou sua invenção a partir do “caso Galileu” e do surgimento da afirmação “*isto é científico!*”. Vendo aí uma reviravolta do saber naquele período, Stengers não considerou a ciência uma racionalidade pura, mas a definição de um olhar implicado politicamente – o “olhar do poder” –, cruzamento de um meio científico e de outras forças sociais que estavam em jogo, como a Igreja. O caso Galileu ajuda a mostrar de forma ampliada um conjunto de relações; como acontecimento, ele é uma reorganização, uma atualização do modo das conexões entre ciência e política, sem que se possa definir antecipadamente para quem tal evento faz diferença nem qual o conteúdo das suas significações, pois estas são produzidas somente depois, depositadas por sobre ele (STENGERS, 2002).

Como num romance ou no cinema, onde a paixão chega e desterritorializa a razão que supunha reinar, onde a surpresa engana tudo aquilo que esperávamos, onde a morte nunca é de todo aceita e compreendida, o imprevisto do acontecimento renova as estruturas da história, transformando as práticas do cotidiano, forçando a necessária simbolização, propondo novas produções de sentido, uma nova casa e um novo território existencial, mudança de atitudes, conversão:

*Não digo que não me surpreendi
Antes que eu visse, você disse e eu não pude acreditar
Mas você pode ter certeza
de que seu telefone irá tocar
em sua nova casa que ilumina e agora brilha incluída nessa minha conversão*
(REIS, 2002).

Uma nova casa iluminada e brilhante pela irrupção do novo sol nos lembra como o acontecimento provoca a comunhão entre os níveis micro e macro, como a disseminação das novas práticas, dos novos mecanismos e dos novos saberes chega ao nível dos corpos e das subjetividades.

E, no entanto, ainda que as estruturas sociais e culturais, as variáveis do corpo e da natureza existam, venham a se cristalizar e se materializar em nós, informando e sujeitando nossas práticas, são essas mesmas práticas, entendidas como acontecimentos heterogêneos, nunca iguais, nunca repetidos, que operam no sentido da abertura, da quebra, da resignificação e atualização constantes dessas estruturas. É assim que a acontecimentalização pode ser pensada em termos políticos, ao representar também o acenar do novo, a inauguração da mudança, na qual podemos nos inserir por mobilização e pela produção do saber.

A narrativa historiográfica, antes de dar a explicação, de refigurar o já-formado, é chamada a perceber a complicação desse pré-formado, desses fluxos de devir em que os acontecimentos passam a existir e, no seu cruzamento, formar objetos, sujeitos, nomes, temas, saberes.

Com efeito, nossas palavras, nossa produção de saber são tentativas de simbolização do acontecimento nas suas dimensões naturais e sociais: como a medicina e as ciências do corpo encararam a finitude sinalizada na doença (CANGUILHEM, 2005), como a física nomeia e sonda o caos determinista da natureza (PRIGOGINE, 1996), como o trabalho de luto da psicanálise se detém sobre o trauma para transformá-lo em memória (DOSSE, 2004), a narrativa historiográfica é nossa prática de produção de sentido sobre os acontecimentos no tempo, de fabricação e refiguração do próprio tempo (RICOEUR, 1997). Quando o acontecimento nos apanha, recolocando as coisas e a nós próprios em devir, precisamos de imediato narrá-los, significá-los com discursos: “Eu só queria te contar/que eu fui lá fora e vi dois sóis no dia/e a vida que ardia sem explicação” (REIS, 2002).

Neste sentido, o acontecimento é também aquilo que Michel de Certeau chamou de “ruptura instauradora”, os momentos históricos de fundação das instituições, do saber, da ciência, ou mesmo aquilo que foi transformado em fato para ser reapropriado de formas diversas pelos grupos sociais como a memória nacional. A operação historiográfica parte muitas vezes de um segundo sol, de um acontecimento instaurador no passado, para acompanhar sua retomada, seu remanejamento, e desconstruir sua supersignificação nas muitas camadas temporais de sentido (CERTEAU, 1982).

A narrativa historiográfica, como a narrativa literária, pode conciliar o que há de natural, de social e discursivo no acontecimento, sua irrupção no real ao lado de seu desdobramento de significados no social, de sua iluminação pela narrativa, de sua apropriação como memória. É a significação em torno do evento que François Dosse chamará de “*après-coup*”, conceito tomado e distendido da psicanálise, redefinido como o folheamento do tempo, a decorrência do “tornar-se poroso ao acontecimento”, a dotação de sentido, a construção da memória, o trabalho de voltar-se sobre os traumas para lidar com eles. Assim como atribuímos cotidianamente significados aos traços multitemporais, como na reelaboração de nossas lembranças, a ciência e a historiografia também folheam o tempo nomeando o acontecimento, lançando seus discursos de fabricação sobre o passado e sobre os objetos de estudo, sobre o natural e o social (DOSSE, 2004).

O acontecimento reaproxima ainda a produção do saber da arte, do seu caráter criativo. A literatura, por exemplo, sempre inventou suas situações de acontecimento e sua

simbolização estética: em *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, a personagem Joana, no abismo acontecimental da solidão, da perda, do abandono do marido Otávio, apesar de se esforçar para dar sentido à condição em que se encontra, recusa a explicação, o narcótico do consolo e da ajuda, mesmo de Deus. E é a partir da difícil constatação do poder da realidade e do acontecimento, que é possível pensar de novo na vida (LISPECTOR, 1998).

Isso nos remete à outra experiência-limite da literatura: na obra *A peste*, de Albert Camus, a calamidade chega e assola a cidade de Oran, mata os ratos, depois as pessoas, obrigando o isolamento da cidade em quarentena. Camus acirra a tensão até o ponto em que não é possível nem conveniente buscar uma explicação para a peste. O argumento de castigo do padre não é aceitável para a morte de uma criança inocente, o Dr. Rieux renuncia a entender a enfermidade e, diante do acontecimento, segue atuando como médico em defesa da vida, e não da verdade (CAMUS, 1977).

Da mesma forma, a história não se contenta mais com o narcótico e a conveniência da argumentação metafísica, iluminista, positivista, marxista, estruturalista. Ainda que o acontecimento possa trazer sofrimento, tensão, temor, constatá-lo é saber lidar com o que há de trágico, de queda, de não-permanência perene das coisas na história. É o acontecimento que pode nos ajudar a perceber a ambigüidade da vida, a dor e a delícia de ser o que se é, o aspecto imprevisível do dia de amanhã, bem como o inelutável da mudança e do esgarçar-se dos nossos mundos para a criação de novos mundos (ROLNIK, 2005).

Como um segundo sol reordenaria o ciclo da vida na natureza e os ritmos humanos na sociedade, o acontecimento é também um reordenamento, uma bifurcação na temporalidade, a fricção da regularidade, uma curva de inflexão na suposta linearidade, a nos informar a multiplicidade e a multidirecionamento do tempo (SERRES, 2005). Ele se inscreve, pois, nas três dimensões da experiência humana – natural, social e discursiva – por seu aspecto fenomênico, por sua multiplicação nas temporalidades individuais, familiares, políticas, culturais, e por sua nomeação narrativa.

Reconciliando essas dimensões, irradiando um segundo sol, abrindo-se ao intempestivo e ao devir, a prática historiográfica e a prática científica sentem-se, então, como os personagens de Virginia Woolf, aproximar-se da vida, pois o sol é mais quente, os gritos mais fortes, e alguma coisa de tremendo pode acontecer (WOOLF, 1972).

REFERÊNCIAS:

- CAMUS, Albert. *A peste*. Rio de Janeiro, Record, 1977.
- CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2005.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Bauru, EDUSC, 2004.
- _____. *A história em migalhas*. São Paulo, Ensaio, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. IV. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2003.
- _____. *Ditos e escritos*. v. II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2003.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1979.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro, Rocco.
- NIETZSCHE, F. Sobre a utilidade e desvantagem da história para a vida. In _____. *Escritos sobre a História*. Rio de Janeiro, Ed. da PUC-Rio/São Paulo, Loyola, 2005.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 1998.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas. Tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo, Ed. UNESP, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: um ensaio de poética do saber*. São Paulo, EDUC/Pontes, 1994.
- REIS, Nando. *O segundo sol. Infernal*. Warner, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. t. 3. Campinas, Papyrus, 1997.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre, Sulina/UFRGS, 2005.
- STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2002.

SERRES, Michel. *O Incandescente*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Rio de Janeiro: Ed. Abril Cultural, 1972.